

# SAÍ DO ARMÁRIO! E, AGORA? JOVENS LGBTQIAPN+ REVELANDO A ORIENTAÇÃO SEXUAL PARA A FAMÍLIA.

Professor(a) orientador(a): Julliane Messias Cordeiro Sampaio

Alunos: Laíra Gomes Lacerda e Linda Jessica Bezerra Souza

PROGRAMA DE  
INICIAÇÃO CIENTÍFICA  
PIC/CEUB

**RELATÓRIOS DE PESQUISA**  
VOLUME 9 Nº 1- JAN/DEZ  
**•2023.**





**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - CEUB**  
**PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

**LAÍRA GOMES LACERDA E LINDA JESSICA BEZERRA SOUZA**

**SAÍ DO ARMÁRIO! E, AGORA? JOVENS LGBTQIAPN+ REVELANDO A  
ORIENTAÇÃO SEXUAL PARA A FAMÍLIA**

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e Pesquisa.

Orientação: Julliane Messias Cordeiro Sampaio

**BRASÍLIA**

**2024**

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar queremos agradecer à Professora **Dra. Julliane Messias Cordeiro Sampaio** que deu a oportunidade de desenvolver uma pesquisa de suma importância.

Em segundo lugar, queremos agradecer aos **participantes da pesquisa**, pois, apesar da delicadeza dos relatos, se disponibilizaram para responder ao questionário e colaboraram para o entendimento das experiências diversas existentes no período de revelação da orientação sexual para a família.

Em conseqüente, agradecemos ao **CNPq e à equipe do Projeto de Iniciação Científica (PIC) do Centro Universitário de Brasília - CEUB**, pela dedicação, disponibilidade de tempo e ajuda.

Posteriormente, eu, Linda Jéssica, agradeço primeiramente à Deus pela oportunidade, **ao meu marido (David)** pelo incentivo, amor e carinho durante todo o processo.

Por fim, eu, Laíra Lacerda, gostaria de agradecer aos **meus pais (Carlos e Valdene)** por tornarem esse processo leve, me acolherem com amor, compreensão e respeito, e à **minha noiva (Jhullya)** pelo incentivo, pelo acolhimento nas horas mais difíceis e por todo amor.

## RESUMO

O momento da revelação da orientação sexual de jovens LGBTQIAPN+ para a família envolve questões sensíveis e que podem impactar em diversas áreas da vida desses jovens, dentre elas a saúde mental, mudança no estilo de vida e nas relações familiares e com a sociedade. Assim, o objetivo desta pesquisa foi identificar quais as representações sociais de jovens LGBTQIAPN+ ao se revelarem para família. Na coleta de dados foi utilizado a técnica “Bola de Neve”, onde participaram quarenta e quatro jovens, com idade superior a 18 anos e que já tenham revelado sua orientação sexual para a família. Foi utilizado um questionário semiestruturado com dados sociodemográficos e duas perguntas sobre sua experiência. A análise de dados foi baseada no Discurso do Sujeito Coletivo, com a criação de nuvens de palavras para visualização das respostas. Desse modo, foram identificados elementos que colaboram ou dificultam a auto aceitação e mudanças no contexto familiar, que variam desde o sentimento negativos como medo, angústia, o desespero, aflição por ruptura dos laços familiares, até os sentimentos positivos de fortalecimento dos laços, acolhimento e aceitação. É importante a discussão acerca da diversidade das orientações sexuais, principalmente dentro da estrutura familiar que é o primeiro ambiente de convívio do jovem e o que possui maior impacto no momento da revelação da sexualidade. A discussão sobre a diversidade tem o intuito de criar um espaço de acolhimento e compreensão no seio familiar, para proporcionar melhor aceitação da sexualidade do indivíduo e diminuir possíveis danos à saúde mental dos jovens que fazem parte da comunidade LGBTQIAPN+, danos esses que podem ser provisórios ou permanentes.

**Palavras-chave:** acontecimentos que mudam a vida; minorias sexuais e de gênero; saúde mental.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
OBJETIVOS	10
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
3. MÉTODO	16
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	18
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS (OU CONCLUSÕES)	28
REFERÊNCIAS	31
APÊNDICES	36

## 1. INTRODUÇÃO

As relações afetivo-sexuais entre a população de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais e mais (LGBTQIAPN+) sempre foram vinculadas às condições de vulnerabilidade e associadas ao pecado, à doença e desvio de conduta social. Por isso, essas relações sempre foram silenciadas, invisibilizadas e vivenciadas de maneira escondida a fim de evitar que os envolvidos se tornassem vítimas das multifaces das violências (Lira; Morais, 2017).

Nesse contexto, muitas pessoas que compõem o grupo acabam reprimindo sua sexualidade por não se enquadrar na norma heterossexual. Surge, dessa maneira, a figura simbólica do armário emerge como um fator de proteção às pessoas que compõem o grupo LGBTQIAPN+ e, sair do armário significa romper com os dispositivos de normatização e vivenciar publicamente suas sexualidades (Nascimento, 2019; Gomes; Felix, 2019). A revelação intencional da orientação sexual é algo complexo e demanda uma avaliação do risco ao se expor.

A busca de apoio social, a família se destaca como uma possível rede de apoio, afeto, proteção e acolhimento, fato que resultaria na promoção do bem-estar, a fim de subsidiar ações protetoras do sofrimento mental e preconceitos relacionados à sexualidade. Porém, esse mesmo espaço pode desencadear incompreensão e violências (Puckett et al., 2015; Shilo, Antebi, Mor; 2015). A reação da família frente à revelação da orientação sexual reflete de maneira direta na qualidade de vida de pessoas LGBTQIAPN+, podendo implicar no sofrimento para a pessoas que se revela e estar associada à problemas como ansiedade, ideação suicida, abuso de álcool e drogas, quando reações negativas dos familiares (Ortiz-Hernández; Valencia-Valero, 2015; Puckett, 2015; Needham; Austin, 2010).

Button (2004) mencionou que a decisão de revelar a orientação sexual exige da pessoa avaliações quanto às possibilidades de reação de tal revelação. Segundo o autor, quanto maiores os riscos percebidos da reatividade da família, maior é a probabilidade de que ele mantenha a sua orientação sexual em oculto, reprimindo a sua sexualidade e relações afetivo-sexuais, mantendo-se “dentro do armário”.

Cabe ressaltar que as relações homoafetivas têm sido alvo de investigações científicas a fim de subsidiar ações de enfrentamento de preconceitos, normalização das relações afetivo-sexuais, além de serem promotoras de uma resposta social e familiar de respeito à diversidade (Nascimento et. al, 2015). Compreendendo que revelação da orientação sexual, pode ser um processo permeado por conflitos tanto para quem revela quanto para quem recebe a informação, segundo Nascimento e Scorsolini-Comin (2018),

Há um choque inicial, que faz com que pais e mães neguem a realidade, proporcionando ao homossexual um período de intensa luta interna, gerando sentimentos de negação, culpabilização, medo, revolta, vergonha e que, depois de um tempo e em famílias que são abertas à realidade, esses sentimentos são abandonados e os novos são de pertencimento e de ser aceito em sua própria família.

## **OBJETIVOS**

Nesse aspecto, dada a relevância da temática frente às questões que permeiam a orientação sexual de jovens ao tentarem explicitar sua sexualidade, o objetivo geral da presente pesquisa consistiu em apreender as representações sociais de jovens LGBTQIAPN+ ao revelarem sua orientação sexual para a família, e para esse propósito, elencou-se como objetivos específicos: descrever o perfil sociodemográfico dos jovens LGBTQIAPN+ que revelaram a orientação sexual para a família e identificar a reação de familiares ao receberem informação sobre a orientação sexual de jovens LGBTQIAPN+.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Com o acesso aos espaços de diálogo e propagação das informações, observou-se um aumento nas discussões sobre a sexualidade humana e o gênero, com intuito de romper com a heteronormatividade e o modelo binário sexual predominante na sociedade devido à cultura, processo histórico, valores e perspectivas de cada época. Sendo assim, a distinção entre sexo, gênero, sexualidade e orientação sexual é

uma ferramenta essencial para o entendimento do processo de “saída do armário” e suas consequências nas relações familiares e aceitação pessoal (Nascimento; Scorsolini-Comin, 2018).

A Lei dos Registros Públicos do Brasil, datada na década de 70, aponta a exigência da presença do registro de sexo ao nascimento de todas as crianças nascidas com até 15 dias de prazo, reforçando dessa forma a visão social em que a definição do sexo está intimamente ligada à genitália observada no nascimento, causando influência direta no gênero (Brasil, 1973), fato que torna limitante a auto denominação sexual indiferente ao sexo de nascimento, destacando as dificuldades para o “coming out” (Dym; Brubaker; Fiesler; Semaan, 2019).

Com o ganho de força de vários movimentos, principalmente o feminista, surgiu uma maior necessidade e força para debates envolvendo as terminologias utilizadas, em especial as voltadas à comunidade LGBTQIAPN+. Sendo assim, a palavra sexo é designada pela biologia para a definição das características sexuais, fenotípicas e genotípicas para designação do sexo feminino (presença do cromossomo XX, mamas, vagina, útero, ovários), sexo masculino (presença dos cromossomos XY, pênis, testículos, pelos corporais) (Melo; Sobreira, 2018).

Ademais existe a designação intersexo, caracterizada, do ponto de vista biologicista, como a pessoa que ao nascer dispõe geneticamente dos dois sexos, feminino e masculino, podendo variar desde a localização de componentes genitais desde ausência de um dos testículos ou pênis demasiadamente pequeno no sexo masculino e clitóris excessivamente grande no sexo feminino, até a configuração dos cromossomos que designam o sexo. Desta forma, ainda se tem o discurso biomédico entende como anomalia e que determina cirurgias e tratamentos hormonais para definição de um sexo ainda na infância (Leivas et al., 2020).

Pensamentos sobre gêneros e seu significado ainda estão bastante arcaicos para a maioria das pessoas, causando grande confusão por apresentar interação direta com o sexo biológico. Sendo assim, o gênero pode ser definido como a identificação e percepção do indivíduo perante o contexto social e temporal no qual está inserido, que pode extrapolar o modelo binário (homem ou mulher), entrando em identidades de

gêneros não binárias como: bigênero, agênero, gênero fluido, cisgêneros, transgênero, entre outros. Portanto, momentos históricos, costumes e normas da sociedade alteram ao longo do tempo, e o que era considerado como feminino ou masculino pode ser utilizado independente de gênero (Santos, 2018).

Destarte, a sexualidade se torna o ponto central da vida de cada indivíduo pois abrange a orientação sexual, sexo, gênero, expressão do gênero, prazer e reprodução, mas ainda há predominância da heteronormatividade e do modelo binário sexual. Apesar da sua mudança no decorrer do tempo, ainda se observa a forte influência cultural, social e política atribuindo padrões comportamentais aos homens e mulheres, voltado principalmente à reprodução (Dym; Brubaker; Fiesler; Semaan, 2019).

Desse modo, o surgimento desses estigmas está atrelado ao estresse, violência e a não-aceitação de diversos jovens da comunidade acarretando problemas de autoestima, isolamento social, dificuldade nas relações (familiar, amizade e amorosas) e crises de identidade na tentativa de manter o padrão heteronormativo (Gomes; Costa; Leal, 2020). Por isso, o processo “sair do armário” é complexo por se tratar de um momento delicado que não envolve apenas o jovem, envolve também a família e contextos sociais. Como resultado, os sentimentos diante a essa situação podem variar desde pertencimento à exclusão familiar (Nascimento; Scorsolini-Comin, 2018).

O processo de “saída do armário”, também conhecido como coming out, é o processo em que o jovem aceita a sua orientação sexual e compartilha com os demais, assumindo e reconhecendo uma identidade na comunidade LGBTQIAPN+ (Fernandes, 2021). Composta por autoconsciência, atração, divulgação e identificação, os indivíduos analisam o risco e benefício para uma tomada de decisão, optando por não se assumirem, se assumirem parcialmente (apenas à algumas pessoas) ou se assumem totalmente, como para amigos, familiares, comunidade em geral (Dym; Brubaker; Fiesler; Semaan, 2019).

As pessoas que compõem o grupo LGBTQIAPN+ passam por esse processo, pois, ainda há o predomínio da heteronormatividade. Contudo, a complexidade se dá ao fato de que primeiro deve-se ocorrer uma aceitação e identificação da orientação

sexual, processar e tomar uma decisão até chegar à revelação da identidade sexual que pode trazer consequências positivas e/ou negativas (Figueira, 2020).

Geralmente, jovens LGBTQIAPN+ procuram revelar sua orientação a amigos e parcerias para posteriormente revelar a família. Isso se dá ao fato de que dentro de casa, muitas vezes, há uma resistência na abordagem de alguns assuntos relacionados à orientação sexual, educação sexual, de maneira resumida à temas voltados à sexualidade (Rosa; Romanini, 2020).

Além disso, o jovem passa por estágios de desenvolvimento sobre sua própria identidade iniciando com questionamento sobre sentimentos e atitudes que causam introspecção sobre a sua orientação sexual. Posteriormente, a comparação à família, amigos e o meio para tentar entender e iniciar o processo de aceitação, buscando contato com pessoas em comum situação para chegar ao estágio da autoidentificação e autodescobrimento, buscando o seu lugar dentro da comunidade. Por fim, espera-se reações sobre a sua orientação sexual, externalizando a sua identidade LGBTQIAPN+ como um aspecto de autodefinição (Pereira, 2019).

Apesar de ser uma questão pessoal, os jovens buscam aceitação principalmente dos familiares e amigos, mas não sendo excludente a visão social também como ponto importante. Esse momento de revelação da sua orientação sexual pode ser um momento estressante, mas que possui vários benefícios como diminuição de sentimento de culpa, ansiedade, depressão, homofobia internalizada, aproximação e apoio familiar e/ou de amigos, e até do sentimento de medo (Fernandes, 2021).

Neste contexto, a Organização Mundial da Saúde (OMS) caracteriza a família como qualquer ligação que possui confiança e suporte independentemente de adoção, parceria sexual, casamento ou relações sanguíneas (Capelas; Coelho; Lacerda, 2018). Sendo assim, o processo de “saída do armário” é influenciado pelo ambiente no qual o jovem pertence, revelando-se em um ambiente receptivo e seguro ou nunca se revelando por causa de um ambiente violento e/ou hostil e a busca por acolhimento da própria família, geralmente, é o principal meio procurado, o que nem sempre é favorável (Pereira, 2019; Nascimento; Scorsolini-Comin, 2018).

Um dos pontos principais para a escolha em não revelar a orientação sexual é a falta de informação sobre a homoafetividade, culminando na demora no processo de aceitação por parte dos familiares ou até mesmo da autoaceitação. Apesar disso, podemos citar jovens que se asseguraram na família como refúgio à preconceitos e discriminação, sendo afetados apenas por fatores externos como amigos, colegas de trabalho e sociedade (Costa, 2015).

De fato, é difícil prever a reação das pessoas perante a um assunto tão delicado, onde o preconceito pode estar também mascarado utilizando-se o argumento de manter a orientação sexual apenas no ambiente familiar, não havendo necessidade de expor publicamente a sua identidade, como forma de desviar de preconceito e discriminação (Nascimento; Scorsolini-Comin, 2018).

Nota-se a necessidade da quebra do tabu em relação aos diversos tipos de orientação sexual a fim de atenuar o sofrimento ocasionado tanto para a família quanto para os jovens. Em suma, a família se torna um local no qual os jovens procuram para fortalecerem suas ideias e força de vontade para enfrentar as discriminações sociais e que o suporte oferecido traz vontade para a busca dos seus direitos. Além disso, buscam amparo para criarem coragem de revelar-se aos amigos, no trabalho e em outros ambientes fora da sua família (Rosa; Romanini, 2020).

Observa-se que o apoio psicológico se torna essencial tanto para o jovem quanto para a família durante o processo de “saída do armário” com intuito de melhorar a relação, compreensão e aceitação tanto para quem está recebendo a notícia quanto para quem está se revelando, tendo em vista que processos como este podem prejudicar a saúde mental de membros da população LGBTQIAP+, onde ocorre mais vezes problemas como depressão, ansiedade e tendências a suicídio do que em heteroafetivos (Paveltchuk; Barbosa, 2019).

Sobretudo, o processo de aceitação pode ocorrer de forma imediata, aos poucos ou nunca acontecer, podendo gerar conflitos no âmbito familiar e por parte dos jovens que optam por nunca se assumirem, se assumirem parcialmente ou se assumirem completamente para todas as pessoas (Figueira, 2020). É notório a influência social na vida e identidade individual, principalmente em questões ao

casamento e filhos gerando tensões como desenvolvimento do desafeto com suas parcerias sexuais, utilização do “armário” como fuga da realidade e até mesmo relações extraconjugais como forma de seguirem os conceitos sociais e religiosos vigentes (Nascimento; Scorsolini-Comin, 2018).

Salienta-se que a religiosidade pode manter subjetiva a personalidade homossexual do indivíduo através de repressões provenientes de terceiros ou até mesmo pela internalização do preconceito, onde o indivíduo homossexual religioso pratica atitudes negativas contra si e sua orientação sexual em detrimento aos homossexuais não religiosos. Destarte, sendo a religião um dos grandes pontos de decisão para a realização ou não do coming out (Cecchin, 2018).

O processo de coming out pode estar, muitas vezes, acompanhado por sofrimento psicológico e insegurança frente às violências no âmbito familiar, indo contra à expectativa de aceitação e compreensão criada pelo jovem, como uma tentativa de correção da sua sexualidade. Por muitas vezes ocorre violência física e/ou psicológica como meio de punição e tentativa de ocultar a orientação sexual que resulta em frustrações, ruptura de vínculos familiares, distanciamento entre pais e jovem, consequências emocionais, pensamentos suicidas, expulsão e/ou exclusão familiar, ansiedade, depressão, entre outros (Dyam; Brubaker et al., 2019).

É importante mencionar que as consequências negativas também afetam os familiares como o estresse profundo, sentimento de impotência e/ou raiva por causa da orientação sexual do(a) filho(a), alterações matrimoniais (quando apenas o(a) pai/mãe aceita), além dos conflitos familiares com os demais (outros parentes). Devido a isto, muitos jovens preferem utilizar o armário como forma de proteção tanto para eles como para os familiares (Rosa; Romanini, 2020).

Apesar de tudo, as consequências positivas ainda são observadas dentro de alguns núcleos familiares e como afetam diretamente a vida do indivíduo. O fortalecimento dos laços familiares, aumento da autoconfiança, melhora em relacionamentos amorosos, aumento do apoio familiar são alguns dos benefícios que encorajam a aproximação com outros membros do grupo LGBTQIAPN+, além do

sucesso alcançado em todas as esferas da vida como no trabalho, relacionamentos e amizades (Costa, 2015).

Independente se há mais consequências negativas ou positivas, o âmbito familiar deve ser um local acolhedor que não há a exclusão ou aflore o sentimento de “ser diferente”, deve ser onde surge a vontade de entender e aceitar novas perspectivas e desperte a vontade do desenvolvimento e análise da identidade LGBTQIAPN+ (Leite; Catelan, 2020).

### 3. MÉTODO

Tratou-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório que utilizou o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) para desvelar a experiência de jovens LGBTQIAPN+ ao revelarem sua orientação sexual para familiares, durante o período do segundo semestre de 2023 ao primeiro semestre de 2024.

Foram elegíveis a participar da pesquisa jovens LGBTQIAPN+, com idade igual ou superior a 18 anos, residentes da capital federal e que já expuseram sua condição sexual à sua família. O critério de exclusão da pesquisa são: menores de 18 anos, os que não são LGBTQIAPN+ e os que ainda não expuseram sua orientação sexual para a família.

Para a captação de participantes, foi utilizada a técnica “Bola de Neve”, que segundo Roseno e Auad (2024) tem como objetivo a captação semanal, via Google Forms®, de participantes jovens LGBTQIAPN+ que se enquadrem nas características da pesquisa. O questionário foi disseminado através de um sujeito-chave, denominado de semente, cujo objetivo é localizar jovens LGBTQIAPN+ com os critérios estabelecidos para responderem o presente questionário da pesquisa, onde também indicaram outros jovens LGBTQIAPN+ para participação e, assim sucessivamente.

Foi utilizado um formulário semiestruturado no Google Forms® composto por duas partes, devido a facilidade de acesso e disseminação da pesquisa. A primeira parte auxiliou a coleta de dados sociodemográficos com seis perguntas referente a

idade, orientação sexual, escolaridade, raça/cor e se reside com sua família nuclear ou parte dela. A segunda parte era composta por duas perguntas abertas norteadoras “Como foi para você revelar sobre sua sexualidade para sua família ou seu familiar?” e “Qual foi a reação de sua família (ou seu familiar) quando você revelou sobre a sua sexualidade?”, para auxiliar no relato dos jovens sobre a experiência vivida ao se assumirem para a família.

Para análise das respostas da segunda parte da pesquisa, adotou-se a Análise do Discurso do Sujeito (DSC). Essa técnica consiste na utilização do método científico para conhecimento de pensamentos, crenças e valores de uma determinada comunidade sobre um determinado assunto. Logo, as expressões chaves são obtidas através das respostas dos sujeitos para extração das ideias centrais ou expressões chaves comuns que resultam no DSC (Coelho; Pegoraro, 2022).

O discurso coletivo foi elaborado de forma breve e precisa, por meio dos recortes dos depoimentos para formulação das ideias centrais (IC). A organização de maneira lógica e coerente utilizada na composição de um único discurso na primeira pessoa do singular (Discurso do Sujeito Coletivo), foram extraídas de expressões chave semelhantes existentes nas ideias centrais (Zagui et al., 2011).

Para a elaboração do DSC, foram utilizadas partes das respostas, sem alterações, e foi utilizada a técnica “Nuvem de Palavras” pelo programa Pro Word Cloud® com intuito de reduzir as expressões chaves. Essa técnica facilita a visualização da frequência da aparição de uma determinada palavra, em um dado contexto, com a variação do tamanho e coloração sendo a mais mencionada trazida de forma centralizada e em um tamanho maior. Sendo assim, os pontos mais relevantes nos discursos dos sujeitos se tornam mais claros e evidentes devido ao seu tamanho e localização (Reis et al., 2022).

O referido estudo foi realizado após a aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, sob o parecer número 6.592.988. Respeitando as prerrogativas das Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) que normatizam as condições para realização de pesquisas com seres humanos e visam a preservação da identidade dos participantes.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da pesquisa 44 jovens. Na tabela 1, temos a apresentação do perfil sociodemográfico dos atores contendo idade, orientação sexual, escolaridade, raça/cor e se residem com a família nuclear ou parte dela.

**Tabela 1** - Variáveis sociodemográficas dos 44 participantes da pesquisa que revelaram sua orientação sexual para a família, 2024

Variável	Resultado “n” (%)
<b>IDADE:</b>	
18 anos	1 (2%)
19 anos	2 (5%)
20 anos	2 (5%)
21 anos	2 (5%)
22 anos	1 (2%)
23 anos	1 (2%)
24 anos	7 (16%)
25 anos	4 (9%)
26 anos	7 (16%)
27 anos	7 (16%)
28 anos	6 (14%)
29 anos	4 (9%)
<b>ORIENTAÇÃO SEXUAL:</b>	
Homossexual/homoafetivo	27 (61%)
Bissexual/biafetivo	17 (39%)
<b>ESCOLARIDADE:</b>	
Ensino Médio completo	4 (9%)
Superior incompleto	18 (41%)
Superior completo	21 (48%)

Pós-graduação	1 (2%)
---------------	--------

**RAÇA/COR:**

Pardo(a)	25 (57%)
----------	----------

Branco(a)	16 (36%)
-----------	----------

Negro(a)	3 (7%)
----------	--------

**RESIDE COM A FAMÍLIA NUCLEAR OU PARTE DELA:**

Não	24 (55%)
-----	----------

Sim	20 (45%)
-----	----------

---

<b>TOTAL</b>	<b>44 (100%)</b>
--------------	------------------

---

**Fonte:** Produção das autoras do estudo, 2024.

Na tabela 1, na variável idade, os atores encontram-se na faixa etária de 18 a 29 anos, sendo que a maior predominância corresponde ao intervalo de 24 a 29 anos, representando 80% da amostra total e na faixa etária de 18 a 23 anos tem-se 20%. Segundo a Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013 (Brasil, 2013), em seu art. 1º, §1º, temos a classificação da faixa etária de jovens, sendo ela considerada entre 15 e 29 anos.

Já na variável orientação sexual, 61% dos participantes são homossexuais/homoafetivos e 39% são bissexuais/biafetivos. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em um estudo feito com 159,2 milhões de pessoas de 18 anos ou mais no país, entre os jovens de 18 a 29 anos o percentual de homossexuais e bissexuais é de 4,8%, indicando 2,9 milhões da amostra total (Brasil, 2019).

Em relação a variável nível de escolaridade, 48% possuem nível superior completo; 41% possuem nível superior incompleto; 9% têm ensino médio completo; e, por fim, 2% possuem pós-graduação (lato sensu). Em concordância com a pesquisa realizada por Capucce et al. (2021) sobre os desafios da continuidade dos estudos por pessoas LGBTQ+, dos 120 participantes em sua pesquisa, 3,30% (3 pessoas) pensaram em desistir dos estudos; enquanto 4,2% (5 pessoas) pensam frequentemente; 5,8% (7

peessoas) pensam algumas vezes e raramente; e, por fim, 80,80% (97 pessoas) nunca pensaram em desistir dos estudos devido a fatores externos ou internos como possibilidade de expulsão de casa, desenvolvimento de distúrbios na saúde mental, possibilidade de discriminação e preconceito intrafamiliar e institucional.

No que concerne à variável raça/cor, observa-se que 57% se declararam pardo(a); 36% alegaram ser branco(a) e 7% afirmaram ser negro(a). O estudo realizado pelo Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará, que correlaciona orientação sexual e raça/cor, apresenta dados estatísticos sobre o Brasil onde 55% dos homens gays são brancos e 34% são pardos. Quanto às mulheres, no Brasil, a predominância é de 46% de mulheres lésbicas brancas e 45% de mulheres pardas (Brasil, 2023).

Sobre a variável reside com a família nuclear ou parte dela, 55% responderam que não, enquanto 45% responderam que sim. Devido às experiências vividas, como falta de apoio familiar e falta de suporte, os jovens buscam a independência financeira como tentativa de fuga da homofobia familiar (Oliveira, 2022). Conforme apresentado por Souza (2020), devido aos empecilhos advindos da construção heteronormativa junto com a ideia capitalista, pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ possuem dificuldades para ocuparem cargos que lhe garantam os direitos trabalhistas previstos em lei ou até mesmo não possuem oportunidade, que contribui para o desemprego e submissão a precárias condições de trabalho nessa comunidade.

Quanto ao questionamento “Como foi para você revelar sobre sua sexualidade para sua família ou seu familiar?” foi elaborado uma nuvem de palavra com auxílio do programa Pro Word Cloud®, aparecendo de forma decrescente as palavras: “Medo”, “Tranquilo”, “Ansiedade”, “Feliz”, “Alívio”, “Tristeza” e “Insegurança”, conforme apresentado na figura 1. A partir disso, para a análise do DSC, foram identificadas as ideias centrais: “Jovens que sentiram medo/ansiedade/angústia para revelarem sua orientação sexual para a família”, “Jovens que sentiram alívio/facilidade/liberdade para revelarem sua orientação sexual para família”, e “Jovens que foram retirados do armário pela família ou outras pessoas”.

**Figura 1** - Nuvem de Palavras referente aos relatos da pergunta “Como foi para você revelar sobre sua sexualidade para sua família (ou seu familiar)?”





### **3.2 Ideia Central 2 – Jovens que sentiram alívio/felicidade/liberdade para revelarem sua orientação sexual para a família.**

Contei pra minha mãe sobre minha sexualidade... por incrível que pareça está sendo uma experiência única, indo contra tudo que eu imaginava minha mãe foi super receptiva e está sendo muito carinhosa comigo... estou muito feliz com o resultado. Me senti livre, leve e totalmente feliz. Minha família aceitou muito bem, todos com a mente aberta... Como eu já morava sozinha há anos, não me preocupei tanto com julgamentos.

### **3.3 Ideia Central 3 – Jovens que foram retirados do armário pela família ou outras pessoas.**

Foi um momento extremamente delicado e constrangedor. Eu fui arrancada do armário. Não foi de espontânea vontade. Angustiante... Infelizmente não foi em um momento escolhido por mim... foi um sentimento de desespero, invasão e tristeza, mas depois foi extremamente libertador.

### **3.4 Ideia Central 4 - Reações positivas dos familiares frente a revelação da orientação sexual dos jovens.**

Minha família me apoiou e disse que isso não mudaria em relação aos sentimentos por mim. Comportaram com tranquilidade, contudo, preocupavam com a aceitação social, homofobia, violência física e simbólica. Teve muito "eu te apoio na escolha que você fizer", "te amo do mesmo jeito". Todos tiveram uma reação como se fosse normal, (o que deveria ser com todos). Aberta e acolhedora.

### **3.5 Ideia Central 5 - Reações negativas dos familiares frente a revelação da orientação sexual dos jovens.**

Minha família ficou um pouco confusa, acharam que era aquela famosa "fase" e que logo ia passar. Não aceitaram. Me deixaram quase em um cárcere privado em casa, sem celular e computador nem pra estudar, monitorada 24h por dia, a escola foi conivente e ligava pra eles algumas vezes por dia pra avisar do meu paradeiro, acharam que era aquela famosa "fase" e que logo ia passar... Que precisava de um tempo para "digerir", mas hoje é um assunto não falado. Após conversa extremamente ofensiva, pararam de falar comigo por um tempo... meu genitor que hoje opta por não falar comigo por causa da minha sexualidade... Um choque. Ninguém acreditou e aceitou... Ao longo do tempo, foi perceptível uma restrição de contato com algumas amigadas.

### **3.6 Ideia Central 6 - Familiares que descobriram a orientação sexual dos jovens por outras pessoas.**

Minha mãe disse que já sabia e as minhas irmãs já sabiam há muito tempo, com meu pai, foi diferente, o irmão dele, que se diz meu tio, se sentiu no direito de contar antes de mim... Minha mãe, foi a que me tirou do armário. Meu jeito é muito evidente, todos já sabiam.

Diante do exposto, a dificuldade em enfrentar as consequências da revelação da orientação sexual é notória em todos os jovens da pesquisa, como apresentado nas ideias centrais 1, 2 e 3. O processo de “saída do armário” é quando uma pessoa se identifica com um dos grupos do LGBTQIAPN+, e é uma etapa que jovens pertencentes a comunidade passam. Esse processo é individual, pessoal e contínuo que abrange a auto aceitação da sua orientação sexual, processamento da informação e revelação da identidade sexual à família (Pereira; Teixeira, 2020). Quando o jovem cogita “sair do armário”, se antecipam às possíveis mudanças como o não acolhimento familiar, à possibilidade de expulsão, fragilização do vínculo com a família e mudanças em outros tipos de relações, como profissional, de amizade e religiosas (Fonseca, 2021).

A aceitação da identidade sexual atrelada ao medo, ansiedade e angústia mediante as vivências e consequências da sua orientação sexual para a família, impactaram negativamente na saúde mental dos jovens, como exposto na ideia central 1 e 2. Os jovens participantes, em sua maioria, relataram que revelar a sua orientação sexual para a família foi um processo complicado, visto que havia preocupação frente a vivências de discursos de ódio, estresse, medo de rejeição e não aceitação, além da homofobia velada de cuidado dentro do contexto familiar.

Em consonância com a ideia central 1, a construção de papéis sociais e comportamentais existentes na sociedade, deriva de um contexto histórico heteronormativo e machista no qual impactam diretamente em sujeitos que rompem com essa visão (Silva; Silva; Souza, 2021). A orientação sexual é algo que não pode ser controlado pelos familiares e/ou outros, já que é uma característica inerente de cada indivíduo e não uma escolha. Consoante a isso, a busca por explicações, atribuição de culpa a terceiros, demonstração de sentimento de frustração ou decepção por parte da família afetam a saúde mental dos sujeitos (Ferreira Neto; Leite; Barros, 2023).

Sentimento de frustração e decepção frente a situações que fogem do planejado ou que não se esperava acontecer pelos familiares é normal desde que não traga violência verbal e física ou outros tipos de prejuízo às relações. Espera-se compreensão e acolhimento mediante a diversidade de decisões e comportamentos, já que se trata de seres humanos diferentes, que vivem em contextos diferentes, possuem acesso a informação diferentes e construam a sua própria identidade de

maneira única e singular (Ferreira Neto; Leite; Barros, 2023). Contudo, não é o que acontece quando observamos a ideia central 3 e 1, onde temos casos de rejeição, invasão do espaço pessoal, repressão e rompimento de laços familiares por conta da orientação sexual dos filhos, corroborando para a não aceitação que leva ao sofrimento psicológico dos jovens.

A vivência em um ambiente dotado de preconceito, discriminação e falta de apoio ajudam para manifestação de ansiedade, depressão, distúrbios do sono, dificuldade em relacionamento interpessoais, sentimentos de rejeição, estresse pós-traumático e crônico, falta de perspectiva do futuro, casos de isolamento e tentativa de autoextermínio, como exposto na ideia central 1. Esses comportamentos e consequências surgem devido ao medo da rejeição e por não se encaixarem nos padrões heteronormativos, podendo colaborar também para o consumo de álcool e de substâncias psicoativas como forma de fuga da realidade (Deus, 2022; Gomes; Costa; Leal, 2020).

A maior aceitação da orientação sexual evidenciou uma associação com menores comportamentos de risco, exacerbado sentimento de alívio, felicidade e liberdade. Ademais, alguns participantes relatam que, durante o processo, fortaleceram os laços afetivos com seus pais e tornaram-se mais amigos. Também houve relatos de jovens que receberam acolhimento e apoio familiar, antes mesmo do início do processo. Sendo assim, assumir a sua orientação sexual pode causar ou não modificações no ambiente familiar.

Como visto na ideia central 2, o acolhimento frente às escolhas individuais dos jovens, criação de uma rede de apoio sólida e respeitosa, colaboram para o aumento da confiança, autoestima, sensação de alívio, entre outros. Os jovens que são acolhidos e respeitados, não sentem mais a necessidade de esconder-se, tornando o ambiente familiar como um espaço de conversa e entendimentos (Santos; Brochado; Moscheta, 2007 apud Rosa; Romanini, 2020).

Uma pequena parte dos jovens, demonstram resistência e aceitação quanto a revelação da sua orientação sexual, como tentativa de minimizar possíveis consequências psicológicas. A vivência em um contexto familiar e social no qual há

violência física e verbal, repressão, inferiorização familiar, rompimento de laços afetivos, humilhações, entre outros, gerado por expectativas familiares criadas desde o nascimento dos filhos contribuem para que o indivíduo lute contra o que sente como forma de proteção contra problemas graves de saúde mental (Deus, 2022).

A ideia central 3, nos mostra uma pequena parte que relata a sua revelação por familiares ou outras pessoas. Esse fato pode ocorrer dentro do próprio núcleo familiar com abordagens dos pais (principalmente as mães) que buscam entender o que está acontecendo devido a alguma mudança comportamental ou percebem pelo “jeito” dos filhos desde pequenos, recusando a enxergar, com a justificativa de que os pais sabem de tudo e observam indícios de “algo errado” (Rosa; Romanini, 2020).

Estudo realizado por Silva et al. (2021), demonstra que as reações familiares frente à descoberta da orientação sexual dos jovens podem variar desde a opressão até ao acolhimento. Os diferentes tipos de reações dependem muito das crenças familiares, contexto social e relação família-jovem. Não podemos negar que ao forçar a revelação da orientação sexual expõem-se os jovens aos tipos de violência emocional, criando barreiras para o estabelecimento das relações e enfraquecer laços familiares.

Por outro lado, ainda em consonância com estudo realizado por Silva et. al (2021), a reação positiva e de respeito dos familiares é uma forma crucial de apoio para os jovens, incentivando a auto aceitação, busca por direitos, estabilidade emocional e sensação de segurança que corroboram para a diminuição do estresse sofrido pela comunidade.

Ao retratar-se a reação familiar com a revelação da sexualidade do jovem temos reações familiares distintas, variando entre a positiva, negativa e até mesmo aqueles familiares que já tinham conhecimento por observação própria e optam por evitar lidar com o assunto, ou até mesmo aqueles que obtiveram a informação da sexualidade do jovem através de terceiros (Debella; Gaspodini 2021).

A ideia central 4 destaca as reações familiares positivas, retratadas comumente com as palavras "Acolheu" e "Tranquilo" pelos jovens. De acordo com Nascimento e Scorsolini Comin (2018), a maior parte dos jovens tendem a revelar sua sexualidade

para amigos e familiares, pois possuem confiança de que seriam acolhidos e aceitos, obtendo um porto seguro e livre de julgamentos.

As reações familiares positivas diminuem de forma significativa o risco de desenvolvimento de doenças psicológicas relacionadas ao "coming out", gerando maior autoconfiança e segurança de abertura à sociedade, decrescendo a ocorrência do estresse de minorias, situação vivida por pessoas estigmatizadas e que precisam de um maior nível de adaptação às situações cotidianas (Paveltchuk; Borsa, 2020).

A ideia central 5 destaca as reações negativas dos familiares frente à revelação da sexualidade dos jovens. Esta reação se baseia em padrões sociais heteronormativos, estigmas e até mesmo o temor pela marginalização do jovem, levando ao desassossego familiar quanto à segurança do jovem, tendo em vista a ocorrência de violência psicológica ou física por terceiros (Souza; Nascimento; Scorsolini Comin, 2020).

Os familiares que apresentam reações negativas tendem a iniciar uma busca incessante por motivos, falhas e influências que possam ter ocasionado esse "desvio" e assim começam a depositar a culpa em amigos e outras pessoas do convívio social do jovem. Os pais tendem a não conseguir lidar com o sentimento de frustração, uma vez que a sociedade heteronormativa pode julgar a criação que deram ao jovem como insuficiente ou falha (Souza; Silva, 2018).

Desse modo, pode-se destacar ainda o grupo daqueles jovens que foram retirados do armário de forma abrupta e contra sua vontade por terceiros, seja por familiares ou não. Esse coming out forçado pode ser explícito e gerar expulsão do lar como também pode estar mascarado com ações de inferiorização dentro do seio familiar, culpabilizando o jovem desde o momento em que houve a desconfiança da homossexualidade, fazendo-o de bode expiatório (Souza; Silva, 2018).

O âmbito familiar é tido como um porto seguro e acolhedor, responsável pela formação do ser e de todas as suas principais características psicossociais e emocionais. Segundo Eisenberg e Resnick (2006), a esfera familiar é um fator tanto protetor como um fator risco para o jovem que se revela homoafetivo a partir do momento em que surgem instabilidades no relacionamento familiar com a revelação

da sexualidade, impactando todos os integrantes desse meio, podendo fragilizar os laços.

Diante da fragilização dos laços familiares e ações de rejeição vivenciadas por jovens do grupo LGBTQIAPN+, emergem os comportamentos autolesivos e muitas vezes suicidas desencadeados pela falta de apoio e sentimento de comparação com o padrão social heterossexual, impelindo a vulnerabilidade e perda da qualidade de vida e da saúde mental (Santos et al.,2020).

Além do risco de autolesão evidente em jovens que escolheram sair do armário, há também a violência sofrida através de terceiros, expressa não somente em sua forma física, mas também em formato de violência psicológica e opressão, exercida em sua maioria pelos familiares e dentro de suas casas, ambiente que em tese deveria ser de segurança e apoio, a esse tipo de ação dá-se nomenclatura de homofobia (Correia, 2018).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002), a violência é "o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação" em suma, toda prática que ocasione dano ao bem estar físico, mental ou social ao indivíduo.

O primeiro formato de homofobia é vivenciado dentro do próprio lar, em 2019 constatou-se que 35.5% das mortes de componentes da população LGBTQIAPN+ ocorreram dentro de seus lares. Essa violência é exercida pelos familiares, principalmente pais e mães que estão em desacordo com a sexualidade escolhida pelos filhos, que a partir disso dão início a atitudes opressivas, violências físicas e/ou psicológicas e constrangimentos a fim de frear a escolha do filho (a) e mostrar a eles o que será vivido caso fuja do padrão heteronormativo (Monteiro; Fuzatto, 2022).

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS (OU CONCLUSÕES)**

O presente estudo desejou mostrar as experiências vividas por jovens LGBTQIAPN+ ao revelarem sua orientação sexual, trazendo questões sobre seus sentimentos e sobre os sentimentos dos familiares. Como principal ponto, observa-se que a maioria dos jovens obtiveram reações negativas advindas da família e, também, passaram por um período conturbado antes da revelação. Esses acontecimentos são consonantes com as publicações e pesquisas acerca da temática, onde, relata-se que jovens LGBTQIAPN+ buscam a estabilização financeira como forma de proteção para possíveis homofobia familiar, expulsões de casa, violência física e/ou verbal e rompimento de laços familiares.

Em vista disso, os dados da pesquisa mostraram experiências como a aceitação familiar como o segundo ponto mais abordado. A compreensão, o acolhimento e a demonstração de afeto/amor pela família, ocorre mais por parte das mães do que dos pais devido a facilidade de estabelecer vínculos afetivos. Já, como o terceiro ponto mais abordado, temos uma pequena parcela dos jovens que foram retirados do armário por familiares ou outras pessoas, mostrando a invasão do espaço e da privacidade dos jovens e tornando o processo mais delicado.

Assim sendo, entende-se que há necessidade do aprofundamento em estudos relacionados ao processo vivenciados pela comunidade LGBTQIAPN+, para melhores abordagens terapêuticas que contribuam para aumento na qualidade de vida dos jovens que decidem sair do armário. Desse modo, o aumento do apoio durante o processo de aceitação, favorece entendimento para o enfrentamento das dificuldades e redução do sofrimento psíquico.

Faz-se necessário ainda, intensificar os estudos voltados para a parcela dos jovens retirados do armário por familiares ou outras pessoas e tiveram sua sexualidade exposta antes mesmo de estarem prontos para essa revelação. Além disso, é imprescindível que haja melhores abordagens com familiares para atenuar conflitos de relação, rompimento da estrutura familiar e expressão de violência física e/ou verbal.

Em suma, pode-se inferir que há carecimento de conscientização social a respeito da diversidade de sexualidade dos jovens e os danos que, não somente a ausência do respeito às escolhas pode gerar, mas também as ações de violência

intolerantes, podem ser irreversíveis e passíveis de danos irreparáveis na saúde mental e física do jovem.

## REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.
- BRASIL, Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. **Estatuto da Juventude**. Brasília, DF, 2013. Disponível em: L12852 (planalto.gov.br). Acesso em: 15 abr. 2024.
- BRASIL. Diretoria de Estudos Econômicos. Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. **IPECE Informe – nº 299 – junho/2023**. Fortaleza – Ceará: Ipece, 2023. Disponível em: Microsoft Word - Informe Orientação Sexual PNS-PNAD Contínua - 2019 - Nº 229(1) (ipece.ce.gov.br). Acesso em: 06 jun. 2024.
- BRASIL. Ministério da Economia. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Diretoria de Pesquisas. Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios. **Pesquisa Nacional de Saúde 2019: orientação sexual auto identificada da população adulta**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101934.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2024.
- BUTTON, S. B. Identity management strategies utilized by lesbian and gay employees a quantitative investigation. **Group & Organization Management**, v. 29, n. 4, p. 470-494, 2004.
- CAPELAS, Manuel Luís; LACERDA, Joana; COELHO, Patricia. Caracterização e satisfação dos cuidadores informais. **Relatório de Outono 2018**, p. 68-91, 2018.
- CAPUCCE, Vitor Serrate *et. al.* Desafios da permanência de estudantes LGBTQ+ na universidade: percepção de discentes de centro universitário amazônico. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, nº 4, abril, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reas.e7109.2021>. Acesso em: 4 jun. 2024.
- CECCHIN, Andréa Forgiarini. A Religião e sua relação com a constituição de identidades homossexuais. **Revista Educere Et Educare**, Paraná Vol 14, Nº32, maio/agosto de 2018. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/19630/14170>.
- COELHO, Laís Mirela de Oliveira; PEGORARO, Vanessa Alvarenga. O impacto da pandemia de COVID-19 no comportamento sexual de universitários da capital federal brasileira. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, nº 10, outubro, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv8n10-055>. Acesso em: 20 mar. 2024.
- COSTA, A. B. **Vulnerabilidade para HIV em mulheres trans brasileiras: o papel da psicologia e o acesso à saúde**. (Tese de Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- DEBELLA, Monalisa Col; GASPODINI, Icaro Bonamigo. Experiências de pais e mães na revelação da orientação não heterossexual de filhos/as. **Interação em Psicologia**, RS, vol 25, n 01, 2021.
- DEUS, Anna Clara Freire Elias de. **Saúde mental das pessoas LGBTQIA+**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade de Uberaba, Uberaba, 2022. Disponível em:

<https://dspace.uniube.br:8443/bitstream/123456789/1987/1/ANNA%20CLARA%20FREIRE%20ELIAS%20DE%20DEUS.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2024.

DYM, Brianna *et al.* "Coming Out Okay" Community Narratives for LGBTQ Identity Recovery Work. **Proceedings of the ACM on Human-Computer Interaction**, v. 3, n. CSCW, p. 1-28, 2019.

EISENBERG, Marla E.; RESNICK Michael D. Suicida entre jovens gays, lésbicas e bissexuais: o papel dos fatores de proteção. **J Saúde Adolesc.** 2006 Nov;39(5):662-8. doi: 10.1016/j.jadohealth.2006.04.024. Epub 2006 Jul 10. PMID: 17046502.

FERNANDES, Juliana Teixeira. **O "COMING OUT" E OS FATORES ASSOCIADOS À SAÚDE MENTAL DE PESSOAS LGBTQIAP+**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Centro Universitário Christus, Fortaleza, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unichristus.edu.br/jspui/handle/123456789/1318>. Acesso em: 18 mar. 2024.

FERREIRA NETO, Isabelly Cristinne; LEITE, Tainara Barros; BARROS, Carine Muller Paes de. **SAÚDE MENTAL DO SUJEITO LGBTQIAPN+: EM RAZÃO DA NÃO ACEITABILIDADE FAMILIAR**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Centro Universitário de Várzea Grande, Mato Grosso, 2023. Disponível em: SAÚDE MENTAL DO SUJEITO LGBTQIAPN+: EM RAZÃO DA NÃO ACEITABILIDADE FAMILIAR | TCC - Psicologia (univag.com.br). Acesso em: 13 abr. 2024.

FIGUEIRA, Mariana Dias. **Identidade, Autoestima, Saúde Mental e Vinculação em Pessoas LGBT**. 2020. Dissertação de Mestrado (Graduação em Psicologia Clínica e da Saúde) – Universidade da Beira Interior, Portugal, 2020. Disponível em: Identidade, Autoestima, Saúde Mental e Vinculação em Pessoas LGBT - ProQuest. Acesso em: 18 mar. 2024.

FONSECA, Lara Velasco Gonçalves Lima da. **"Armário" e "coming out" na literatura brasileira: uma revisão integrativa**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

FONTANELLA, Bruno José Barcelos; RICAS, Janete; TURATO, Egberto Ribeiro. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de Saúde Pública** [online]. 2008, v. 24, n. 1, pp. 17-27.

FUZATTO, Ana Julia Costa. **Homofobia e violência à jovens LGBTQIA+: consequências e modos de enfrentamento**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado de Psicologia) - Universidade de Uberaba, Minas Gerais, 2022.

GOMES, Gonçalo; COSTA, Pedro Alexandre; LEAL, Isabel. Impacto do estigma sexual e coming out na saúde de minorias sexuais. **Psicologia, saúde & doenças**, v. 21, n. 1, p. 97-103, 2020.

GOMES, Romulo; FELIX, Bruno. O. self no armário: uma teoria fundamentada sobre o silêncio de gays e de lésbicas no ambiente de trabalho. **Cadernos EBAPE.BR** [online]. 2019, v. 17, n. 2 [Acessado 10 Maio 2022], pp. 375-388. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1679-395174796>>. Epub 30 Maio 2019. ISSN 1679-3951.

JODELET, Denise. **O encontro dos saberes**. Petrópolis: Vozes; 2015. p. 59-79. As representações sociais nas sociedades em mudança. 21.

LEITE, Madalena; CATELAN, Ramiro Figueiredo. Terapia familiar afirmativa com lésbicas, gays e bissexuais. **Pensando famílias**, v. 24, n. 1, p. 239-254, 2020.

LEIVAS, Paulo Gilberto Cogo et al. Superando o binarismo de gênero: em direção ao reconhecimento civil de pessoas intersexo. **Revista Culturas Jurídicas**, v. 7, n. 18, 2020.

LIRA, Aline Nogueira; MORAIS, Normanda de. Resilience in lesbian, gay, and bisexual (LGB) populations: An integrative literature review. **Sexuality Research and Social Policy**, 10, 1-11, 2017. doi: 10.1007/s13178-017-0285-x

MELO, Talita Graziela Reis; SOBREIRA, Maura Vanessa Silva. Identidade de gênero e orientação sexual: perspectivas literárias. **Temas em Saúde**, v. 18, n. 3, p. 381-404, 2018.

MONTEIRO, Isabella Silveira. **Meu Querido Armário: Fotozine sobre a saída do armário na vida de pessoas LGBTQIAP+**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 3.ed. Petrópolis: Vozes; 2005. 20.

NASCIMENTO, Geysa Cristina Marcelino; SCORSOLINI-COMIN, Fabio; FONTAINE, Anne Marie Germaine Victorine; SANTOS, Manoel Antonio dos. Relacionamentos amorosos e homossexualidade: Revisão integrativa da literatura. **Temas em Psicologia**, 23(3), 547-563, 2015. doi: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.3-03>

NASCIMENTO, Geysa Cristina Marcelino; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Revelação da Homossexualidade na Família: Revisão Integrativa da Literatura Científica. **Trends in Psychology [online]**. 2018, v. 26, n. 3, pp. 1527-1541. Disponível em: <<https://doi.org/10.9788/TP2018.3-14Pt>>. ISSN 2358-1883. <https://doi.org/10.9788/TP2018.3-14Pt>.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. A SEXUALIDADE NO ARMÁRIO PARA OS JOVENS DA ILHA. In: **ANAIS DO CONGRESSO BRASILEIRO DE CORPO, RAÇA, SEXUALIDADE E GÊNERO**, nº 01, 2019, Parnaíba. Disponível em: <crsg-1-1-5e1791ef0e8825997fbfa61a.pdf> (periodikos.com.br)

NEEDHAM BL, AUSTIN EL. Sexual orientation, parental support, and health during the transition to young adulthood. *J Youth Adolesc* [Internet]. 2010 [cited 2017 May 23]; 39(10):1189-98. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/20383570>

OLIVEIRA, Maria Emanuele Alves. **VIVÊNCIAS ENTRE QUATRO PAREDES: UMA REVISÃO NARRATIVA ACERCA DA HOMOFÓBIA FAMILIAR**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Campina Grande, 2022.

ORTIZ-HERNÁNDEZ L, VALENCIA-VALERO RG. Disparidades em salud mental asociadas a la orientación sexual en adolescentes mexicanos. *Cad Saúde Pública* [Internet]. 2015 [cited 2017 May 24]; 31(2):417-30. Available from: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00065314>

PAVELTCHUK, Fernanda de Oliveira; BORSA, Julliane Callegaro. A teoria do estresse de minoria em lésbicas, gays e bissexuais. **Rev. SPAGESP**, vol.21, no.2 , Ribeirão Preto jul./dez. 2020.

PAVELTCHUK, Fernanda de Oliveira; BORSA, Julliane Callegaro. Homofobia internalizada, conectividade comunitaria e saúde mental em uma amostra de indivíduos LGB brasileiros. **Avances en Psicología Latinoamericana**, v. 37, n. 1, p. 47-61, 2019.

PEREIRA, Matheus Marciano; TEIXEIRA, Renata Plaza. SUICÍDIO NA POPULAÇÃO LGBT: UMA ANÁLISE DA INTERSECCIONALIDADE ENTRE GÊNERO E RAÇA A PARTIR DO RELATO DE PROFISSIONAIS QUE ATUAM NA ÁREA DA SAÚDE MENTAL EM JACAREÍ, SP. *In*: **11º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia**, 2020, Jacareí. Projeto de Iniciação Científica. 2020. Disponível em: Plaza Teixeira (ifsp.edu.br). Acesso em: 22 mai. 2024.

PEREIRA, Rafaela dos Santos. **Sair ou não sair do armário?: Micro-agressões e o impacto da revelação da orientação sexual no stress e nos seus mecanismos psicofisiológicos**. [Tese de Doutorado]. 2019.

PUCKETT, J. A *et. al.* Parental rejection following sexual orientation disclosure: impact on internalized homophobia, social support, and mental health. **LGBT Health [Internet]**, v. 2, n. 3, p. 265-269, 2015. Disponível em: <http://online.liebertpub.com/doi/10.1089/lgbt.2013.0024>. Acesso em: 18 mar. 2024.

PUCKETT, Julia A.; WOODWARD Eva N.; MEREISH Ethan H.; PANTALONE David W. Parental rejection following sexual orientation disclosure: impact on internalized homophobia, social support, and mental health. **LGBT Health [Internet]**. 2015, 2(3):265-9. Available from: <http://online.liebertpub.com/doi/10.1089/lgbt.2013.0024>

REIS, Rebeca Costa dos *et. al.* Percepção sobre qualidade de vida de mulheres submetidas à cirurgia plástica pós-bariátrica. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, nº 10, outubro, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv8n10-166>. Acesso em: 20 mar. 2024.

ROSA, Rafaela da; ROMANINI, Moises. Da culpa e do medo ao alívio e desejo de ser quem se é: a “saída do armário” de jovens homo e bissexuais para suas famílias. **Diversidade e Educação**, v. 8, n. 2, p. 414-437, 2020.

ROSENO, Camila dos Passos; AUAD, Daniela. PROFESSORAS LÉSBICAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: saberes docentes como resistência. **Olhares: Revista do Departamento de Educação da Unifesp**, v. 12, n. 1, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.34024/olhares.2024.v12.15804>. Acesso em: 14 abr. 2024.

SANTOS, Marinês Ribeiro dos. Gênero e cultura material: a dimensão política dos artefatos cotidianos. **Revista Estudos Feministas**, v. 26, 2018.

SANTOS, Nadyne Pastora dos. Relações familiares da rede social de jovens homossexuais masculinos. **Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn)**,

SHILO, Guy; ANTEBI, Nadav; MOR, Zohar. Individual and community resilience factors among lesbian, gay, bisexual, queer and questioning youth and adults in Israel. **Am J**

**Commun Psychol [Internet].** 2015; 55(1-2):215-27. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/25510593>

SILVA, Denise Regina Quaresma da; SILVA, Karina Dias da; SOUZA, Marcos Rogério dos Santos. Palácio do Planalto e Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos: Sexualidade e Gênero. **Ciência & Tropicó**, v. 45, nº 1, 2021.

SILVA, José Carlos Pacheco da *et. al.* Diversidade sexual: uma leitura do impacto do estigma e discriminação na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 2643 – 2652, 2021.

SOUZA, Daniel Alberto A; NASCIMENTO, Geysa Cristina Marcelino; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Revelar-se homossexual: percepções de jovens adultos brasileiros. **Cienc. Psicol**, vol.14,no.2, Montevideo 2020, Epub 12-Jun-2020.

SOUZA, Daniel Cerdeira; SILVA, Iolete Ribeiro da. **Reflexões sobre relações familiares em que há presença de filhos homossexuais**. FURG, 2018.

SOUZA, Luiz Henrique Braúna Lopes de. Trabalho e diversidade sexual e de gênero: dilemas entre a inserção econômica e social no mercado de trabalho e as estratégias de sobrevivência da população LGBT. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 3, n. 10, p. 252-275, 2020.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, 22, (44): 203-220, ago/dez. 2014.

ZAGUI, Isabela Cristina *et al.* Percepção das dificuldades relacionadas ao tratamento entre pessoas com hipertensão arterial sistêmica. **Revista Gestão & Saúde**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 144-147, 2011 [2017]. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rgs/article/view/35/68>. Acesso em: 06 jun. 2024

## APÊNDICE A - Instrumento para Coleta de Dados

### PARTE I - Perfil Sociodemográfico dos jovens LGBTQIAPN+

1. Você aceita participar da pesquisa?

( ) Sim

( ) Não

2. Idade: \_\_\_\_\_

3. Orientação Sexual:

( ) Heterossexual/Heteroafetivo

( ) Homossexual/Homoafetivo

( ) Bissexual/Biafetivo

( ) Outros: \_\_\_\_\_

4. Escolaridade:

( ) Fundamental incompleto

( ) Fundamental completo

( ) Ensino Médio incompleto

( ) Ensino Médio completo

( ) Superior incompleto

( ) Superior completo

( ) Outros: \_\_\_\_\_

5. Raça/cor:

( ) Negro(a)

( ) Pardo (a)

( ) Amarelo(a)

( ) Branco(a)

( ) Indígena

( ) Outros: \_\_\_\_\_

6. Você mora com sua família nuclear ou parte dela (pai, mãe, irmãos)?

( ) Sim

( ) Não

### **Parte II - Experiência ao revelar a sexualidade para a família**

1. Como foi para você revelar sobre sua sexualidade para sua família (ou seu familiar)?

\_\_\_\_\_

2. Qual foi a reação de sua família (ou seu familiar) quando você revelou sobre a sua sexualidade?

\_\_\_\_\_

### **APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) do estudo “Saí do armário! E, agora? Jovens LGBTQIAPN+ revelando a orientação sexual para a família”, desenvolvido por pesquisadores do Centro Universitário de Brasília. O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que visa assegurar seus direitos como participante.

Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará prejuízo. Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo.

A pesquisa tem como objetivo apreender as representações sociais de jovens LGBTQIAPN+ ao revelarem sua orientação sexual para a família e, como você é um jovem LGBTQIAPN+, tem o perfil para responder nossa pesquisa.

Sua participação consiste em responder uma entrevista que tomará, aproximadamente, 15 minutos de seu tempo.

Você tem o direito de não responder qualquer questão, sem necessidade de explicação ou justificativa para tal, podendo também se retirar da pesquisa a qualquer momento.

De acordo com a Resolução 466/2012, a 510/2016 e suas complementares, este projeto pode oferecer mínimos, tais como, cansaço ou aborrecimento ao responder formulário, constrangimento ao responder ao formulário, alterações de relacionamentos e de comportamentos em função de reflexões sobre orientação sexual e família.

Para minimizar esses riscos, salienta-se que:

- A participação é voluntária;
- Não haverá nenhum prejuízo se recusar a participação;
- O participante poderá retirar a sua participação desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis;
- Também tem direito de não responder qualquer pergunta que te traga desconforto;
- A entrevista dura, em média 15 minutos;
- Não será realizada nenhuma intervenção ou modificação intencional em variáveis fisiológicas ou psicológicas e sociais com o participante;
- Não serão solicitados, em nenhuma etapa da pesquisa, dados pessoais que permitam identificar a identidade do participante, a fim de assegurar sigilo para seus dados pessoais sensíveis (dados sobre origem racial ou étnica, religião, dado referente à saúde ou a vida sexual, quando vinculado a uma pessoa natural);

- Cabe destacar que, além dos riscos e benefícios relacionados com a participação na pesquisa, existem riscos característicos do ambiente virtual, meios eletrônicos, ou atividades não presenciais, em função das limitações das tecnologias utilizadas;
- Para reduzir esses riscos, não solicitamos seu nome, nenhum número telefônico e nenhum correio eletrônico, em nenhuma etapa, isso irá assegurar o seu anonimato;
- Asseguramos que iremos armazenar adequadamente dos dados coletados, bem como os procedimentos para assegurar o sigilo e a confidencialidade das informações da sua participação na pesquisa (CONEP, 2021);

**Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.**

Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas. Os dados e instrumentos utilizados (por exemplo, fitas, entrevistas, questionários) ficarão guardados sob a responsabilidade de Laíra Gomes Lacerda, Linda Jessica Bezerra Souza e docente Prof. Dr<sup>a</sup> Julliane Messias Cordeiro Sampaio com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e arquivados por um período de 5 anos; após esse tempo serão destruídos. Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma dúvida referente aos objetivos, procedimentos e métodos utilizados nesta pesquisa, entre em contato com as pesquisadoras:

- Laíra Lacerda: laira.glacerda@sempreceub.com ou (61) 998875886;
- Linda Jessica: linda.souza@sempreceub.com ou (61) 994102965;
- Prof Dr<sup>a</sup> Julliane Sampaio: julliane.sampaio@ceub.edu.br ou (61) 982784388;

Também, se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro

Universitário de Brasília (CEP-UNICEUB), que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966-1511 ou pelo e-mail [cep.uniceub@uniceub.br](mailto:cep.uniceub@uniceub.br). Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Em conformidade com as Resoluções do Conselho Nacional de Saúde – CNS – nº 466 de 2012 e a de nº 510 de 2016.

## **ANEXOS** **(OPCIONAL)**

Seu texto aqui...

São elementos pós-textuais opcionais que o autor insere no trabalho; não são de sua autoria, mas servem de fundamentação, comprovação e ilustração. É recomendável que sejam anexados os documentos mais importantes usados ou citados. Os anexos não são obrigatórios, mas podem ajudar a organizar o corpo do texto, evitando que imagens, tabelas ou gráficos quebrem o ritmo de leitura.

Os anexos, como os apêndices, devem ser identificados por letras maiúsculas, localizadas na região central da página, acompanhados pela palavra ANEXO e com as letras do alfabeto colocadas de forma subsequente; por exemplo, se o texto apresenta três anexos, esses devem ser identificados por ANEXO A, ANEXO B e ANEXO C. Além disso, os anexos devem estar em folhas separadas. Não importa se o anexo tenha apenas um parágrafo ou meia página. Se houver mais de um anexo, cada um deve ocupar uma página individual para facilitar sua localização. O título do anexo segue o seguinte exemplo: ANEXO A - Título do anexo.

Os anexos devem ter suas páginas numeradas na ordem do trabalho realizado e constar no sumário.

**Com recuo especial da primeira linha de cada parágrafo em 1,25 cm - [Apagar comentário]**